



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

MAPEAMENTO DAS LESÕES BUAIS DE INDIVÍDUOS TRANSEXUAIS EM ATENDIMENTO EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA

Ian Cunha Lacerda¹; **Michelle Miranda Lopes Falcão²**

1. Bolsista – PIBIC/CNPq, Graduando em Odontologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: iancunhalacerda@gmail.com

2. Orientadora, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mmlfalcão@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Hormonioterapia; Transexualidade; Saúde bucal.

INTRODUÇÃO

Indivíduos transgêneros (trans) são definidos como pessoas cuja identidade de gênero e expressão de gênero diferem de seu sexo biológico no nascimento. Eles podem ser classificados como mulheres trans, ou seja, sendo atribuído o sexo masculino no nascimento, mas identificando-se como mulher, ou homem trans, sendo as pessoas atribuídas ao sexo feminino no nascimento, mas identificando-se como masculino (Reisner *et al.*, 2016).

A terapia hormonal para a afirmação de gênero tem como objetivo inibir a expressão de características sexuais secundárias do sexo de nascença e induzir as características sexuais secundárias do sexo oposto. Geralmente, durante o tratamento, as mulheres que pretendem fazer a transição para o sexo masculino fazem uso de testosterona e os homens que querem fazer a transição para o sexo feminino fazem uso de antiandrógenos e estrógenos. Ainda existem opções de tratamento que interrompem a puberdade (Hembree *et al.*, 2017; Braz *et al.*, 2020).

O ideal seria que o processo de Hormonioterapia (HT) fosse acompanhado por serviços de saúde especializados, porém, não é o que ocorre no Brasil (São Paulo, 2020). Diante desse cenário, as pessoas transgênero no país realizam a hormonioterapia através da automedicação e, muitas vezes com elevada dosagem de estrógenos ou testosterona, a depender do caso (Braz *et al.*, 2020). E os efeitos do uso indiscriminado de hormônios não é totalmente conhecido, principalmente, no que se refere a saúde bucal. Além disso, até entre os indivíduos transgênero que não fazem hormonioterapia, pouco se sabe sobre qual é o panorama da saúde bucal da população trans e quais são as necessidades desse público. Sendo assim, este estudo pretende identificar as lesões ou alterações bucais dos indivíduos transexuais atendidos no Centro de Referência em Lesões Bucais da Universidade Estadual de Feira de Santana- CRLB/ UEFS.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo do tipo transversal descritivo que verificou a condição de saúde bucal de indivíduos transexuais atendidos no Centro de Referência de Lesões Bucais da (CRLB)

Universidade Estadual de Feira de Santana. Esse Centro atende a população de Feira de Santana e região e realiza procedimentos de diagnóstico e terapia de lesões bucais.

Foram incluídos todos os indivíduos maiores de 18 anos, autorreferidos transexuais em uso ou não de hormonioterapia com progesterona ou testosterona concordaram participar do estudo através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Não foram incluídos aqueles indivíduos que tivessem realizado consulta odontológica nos seis meses precedentes ao início do atendimento no CRLB, gestantes, pessoas com doença autoimune em atividade e/ou neoplasia maligna.

Foi preenchido o prontuário de atendimento clínico, em seguida, as informações sobre perfil sociodemográfico, de hábitos de vida, de condição de saúde e saúde bucal foram exportadas para o formulário de coleta de dados. Para avaliar a condição de saúde bucal foi feita a observação da higiene oral, o preenchimento do periograma, o cálculo do CPO-d, a inspeção de lesões de tecido mole e duro e a avaliação da articulação temporomandibular.

Em seguida, os dados foram analisados descritivamente através da distribuição frequencial e percentual de todas as variáveis categorizadas de acordo com a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Houve a participação de 12 indivíduos neste estudo. Destes, 75% foram homens trans. A idade dos participantes variou de 18 a 27 anos com de média de 23 ± 3 anos. 50% (06) da amostra foi natural de Salvador ou Feira de Santana, os demais (40,9%; n=05) foram provenientes do interior da Bahia, com exceção de 9,1% (01) que vieram da cidade de São Paulo. Na literatura consultada, apenas um estudo publicado no início de 2024 abordou a saúde bucal de 26 indivíduos transexuais, cuja identidade de gênero foi de 50% para homens trans e a média de idade foi de 28 anos dados com tendência semelhante ao deste trabalho (Linhares *et al.*, 2024).

Somente 41,6% (05) dos participantes informaram fazer uso da hormonioterapia para a afirmação de gênero e, destes, 40% não tinham acompanhamento médico. 20% (01) utilizava estrógenos, 60% (03) andrógenos e 20% (01) estrógenos associados a antiandrógenos. A falta de acompanhamento médico é conhecida na literatura, em especial quando se trata do público transgênero brasileiro. O uso de automedicação por transexuais foi investigado em estudo que observou que 84% dos participantes se automedicavam, adquirindo os hormônios na farmácia sem o uso de prescrições médicas (Kruger *et al.*, 2019). Os níveis séricos de estradiol para mulheres trans devem estar entre 100-200 pg/mL e os níveis de testosterona em homens trans devem ser <5mng/dL (Hembree, 2017), quando esses valores estão fora da referência, podem ocorrer efeitos adversos como o tromboembolismo venoso em mulheres trans que usam ciproterona, por exemplo (Arrington-Sanders *et al.*, 2023). A maioria dos participantes referiu estar em tratamento médico (58,3%; n=07), sendo 42,9% (03) em tratamento psiquiátrico, 28,6% (02) em tratamento psicológico. Dentre os medicamentos usados por 50% (06) dos indivíduos, 25% (03) é da classe de antidepressivos. Os resultados encontrados estão condizentes com os achados de Braz *et al.* (2020), que observaram relatos das vivências da população trans e identificaram que muitos indivíduos trans passaram por situações traumatizantes e que necessitavam ser acompanhados por serviços de saúde especializados na saúde mental.

Quanto à história odontológica e condição de saúde bucal verificada, 33,3% (04) dos participantes tiveram consulta com cirurgiões-dentistas há mais de um ano. 50% dos transexuais referiram escovar os dentes regularmente e apresentar sensibilidade dentinária. 58,3% (07) e 16,7% (02) disseram ter com frequência, sangramento gengival espontâneo e aftas, respectivamente. A dor em articulação temporomandibular foi verificada em 41,7% (05) dos participantes. Nenhum dos participantes usava qualquer tipo de prótese dentária. A baixa procura dos indivíduos transexuais pelos serviços de saúde também foi relatada na literatura, que diz que muitas pessoas transgênero evitam a busca por serviços de saúde devido ao medo de sofrerem preconceito e por não se sentirem acolhidos no ambiente em que estão (Braz *et al.*, 2020). Muitos profissionais da saúde, inclusive os cirurgiões dentistas, ainda não estão preparados para atender esse público que necessita de uma atenção especial em alguns detalhes, como o correto uso dos pronomes requisitados pelo paciente (São Paulo, 2020).

A periodontite não foi observada nos participantes, entretanto, a gengivite esteve presente em 50% dos casos. O índice CPO-d do estudo foi de 4,5 e a maioria dos pacientes relatou sentir dores nos músculos mastigatórios e Articulação temporomandibular (ATM) (58,3%). Além disso, foram identificadas duas lesões benignas em tecido mole, mucoceles, cujo trauma é o fator etiológico relacionado. A presença de gengivite encontrada no estudo reflete algumas questões que devem ser consideradas, dentre elas, tem-se a falta de acesso a serviços de saúde bucal e a falta de atividades educativas para o público transexual. Além disso, a higiene oral deficiente repercute no acúmulo de biofilme e predispõe ao quadro de inflamação gengival (Kumar *et al.*, 2018). Questões emocionais e quadros depressivos já foram relacionados como fatores predisponentes para a gengivite (Hwang e Park, 2018). Neste estudo, foi observado que dos 41,6% participantes que faziam o uso de antidepressivos, 60% foram diagnosticados com gengivite. A elevada frequência de DTM encontrada no estudo pode ser reflexo do estresse referido pelos participantes do estudo. De acordo com Braz *et al.*, (2020), é comum a rotina estressante dos indivíduos trans. Esse estresse provoca tensão nos músculos mastigatórios, apertamento dental, bruxismo, consequentemente, sobrecarga da ATM (Braz *et al.*, 2019). O último levantamento sobre saúde bucal realizado no Brasil foi o SBBRASIL 2020, cujos dados preliminares revelaram o índice CPO-d de 3,5 para a faixa etária de 15-19 anos (Brasil, 2022), a faixa etária mais próxima desse trabalho. Ao comparar o valor encontrado, observa-se que o CPO-d da população examinada é muito maior que o da população brasileira. Talvez essa diferença possa ser atribuída à dieta mais cariogênica, pois os indivíduos falaram na anamnese sobre o consumo, muitas vezes noturno de doces. Além disso, as pessoas depressivas, ansiosas ou estressadas tendem a comer alimentos mais açucarados, portanto mais cariogênicos (Aucoin *et al.*, 2021).

As duas lesões em tecido mole encontradas no estudo se tratou de mucocele. Essa lesão ocorre quando as glândulas salivares menores sofrem algum tipo de trauma, gerando extravasamento de muco nos ductos salivares, sendo comum na região de mucosa do lábio inferior (Essaket, Hakkou & Chbicheb, 2020). Essa informação foi condizente com os achados do estudo, visto que as duas lesões encontradas foram em região de lábio inferior, e no caso dos pacientes, a lesão se desenvolveu em decorrência de hábitos parafuncionais de “chupar” e “mordiscar” a região de lábio inferior.

CONCLUSÃO

A presença de gengivite, lesões cariosas e DTM encontrada no estudo aponta para a necessidade da implementação de medidas de prevenção e controle em saúde bucal voltadas para esse público. As lesões em tecido mole encontradas são relacionadas a fatores traumáticos, sinalizando a necessidade de orientação em saúde e acompanhamento psicoterápico para esse público. São necessários mais estudos longitudinais, com amostra representativa, para investigar a relação causal desses achados.

REFERÊNCIAS

- ARRINGTON-SANDERS, R. et al. Assessing and Addressing the Risk of Venous Thromboembolism Across the Spectrum of Gender Affirming Care: A Review. **Endocrine Practice**, 272-278, 29(4), 2023.
- AUCOIN, M. et al. Diet and Anxiety: A Scoping Review. **Nutrients**, 13, 4418, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Saúde da Família. **SB Brasil 2020**: Pesquisa Nacional de Saúde Bucal: projeto técnico / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Saúde da Família. – Brasília: Ministério da Saúde, 2022.
- BRAZ, D. et al. Vivências familiares no processo de transição de gênero. **Acta Paulista de Enfermagem**, 33:1-8, 2020.
- BRAZ, M, A. et al. Association between oxidative stress and temporomandibular joint dysfunction: A narrative review. **Journal of Oral Rehabilitation**, 47:536–546, 2019.
- ESSAKET, S; HAKKOU; CHBICHEB, S. Mucoèle de la muqueuse buccale. **The Pan African Medical Journal**, 35:140, 2020.
- HEMBREE, W, C. et al. Endocrine treatment of gender-dysphoric/ gender-incongruent persons: An endocrine society*clinical practice guideline. **Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism**, 3869-3903, 102(11), 2024.
- HWANG, H, S; PARK, G, S. The Relationship between depression and periodontal diseases. **Community Dental Health**, 35, 23-29, 2017.
- KRUGER, A. et al. Characteristics of hormone use by travestis and transgender women of the Brazilian Federal District. **Revista Brasileira de Epidemiologia [online]**, 2019.
- KUMAR, S. Evidence-Based Update on Diagnosis and Management of Gingivitis and Periodontitis. **Dental Clinics of North America**, 2018.
- LINHARES, C. M. V. et al. Condições bucais de transexuais em processo de hormonização. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 3, p. 2760-2777, 2024.
- REISNER, S. L. et al. Global health burden and needs of transgender populations: a review. **The Lancet**, v. 388, n. 10042, p. 412–436, 2016.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo. **Protocolo para o atendimento de pessoas transexuais e travestis no município de São Paulo**, p. 133, 2020.